

A QUEDA DA SÍLABA: ANÁLISE DO CONTEXTO CONSONANTAL PELA GEOMETRIA DE TRAÇOS

Eneida de Goes Leal¹

eneidaleal@yahoo.com

RESUMO: Este artigo trata da queda de sílaba em limite de palavra no falar da cidade paulista de Capivari, observando-se o contexto consonantal desse processo fonológico, de acordo com a Geometria de Traços (Clements & Hume 1985). Na literatura, a queda de sílaba é tratada como dois tipos distintos de redução fonológica: a elisão silábica (em que há dessemelhança entre as consoantes das sílabas envolvidas); e a haplologia (as consoantes do contexto são iguais ou semelhantes – a diferença entre elas está apenas no traço [sonoridade]). Pela análise de contextos segmentais, foi visto que tanto a elisão silábica quanto a haplologia são processos regidos pelas mesmas propriedades fonológicas: os processos se dão no mesmo ponto de C e também o mesmo valor para o traço [contínuo].

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia; elisão silábica; haplologia; geometria de traços.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata de propriedades segmentais que regem a queda de sílaba em limites maiores do que a palavra (sândi externo), com embasamento teórico na Geometria de Traços.

Na literatura, esse processo fonológico se distingue em dois tipos: a elisão silábica² e a haplologia. Esses processos diferem de acordo com o contexto consonantal das sílabas envolvidas: se as sílabas do contexto sujeito à queda apresentar em consoantes diferentes, caracteriza-se a elisão silábica (cf. exemplo 1); no entanto, se o

¹ Universidade de São Paulo – USP.

² Na literatura (Alkmim & Gomes 1982, Engstrand & Krull 2001, Masilon & Ross 1996), usa-se a nomenclatura ‘redução’ para a queda de sílaba com contexto segmental foneticamente diferente. No presente trabalho, será usado o termo ‘elisão silábica’ para contemplar a especificidade deste tipo de redução, diferenciando-o daquele uso genérico do termo que abarca vários tipos de processos fonológicos.

contexto segmental for idêntico ou semelhante (variando apenas na sonoridade das consoantes), o processo fonológico será a haplologia (cf. exemplo 2).³

1. fui na ca(SA) DEla ontem.
2. ganhei um presen(TE) DE Fernanda.

Em 1, o contexto consonantal /za+de/ é foneticamente diferente, caracterizando o que se conhece por contexto para a elisão silábica; já em 2, o contexto segmental /te+de/ é semelhante – a única diferença entre as consoantes é o traço [sonoridade] – caracterizando um contexto para a ocorrência de haplologia.

Alkmim e Gomes (1982), analisando o português brasileiro, sustentam que a elisão silábica ocorre com itens lexicais verbais, definidos pelas autoras como proclíticos.⁴ Para a haplologia, as autoras afirmam que ocorre somente com consoantes /t/ e /d/ e com vogais que tenham o traço [+alto]. Pavezi (2006) afirma que a haplologia é mais produtiva com /t/ e /d/.

Para observar se há algo que possa unir os dois processos (elisão silábica e haplologia), será analisada não a combinação das consoantes, mas sim a combinação dos traços que constituem essas consoantes, já que esses traços podem ser organizados internamente ao fonema (cf. a Geometria de Traços).

Este artigo está assim delineado: na seção 0, há uma apresentação da Geometria de Traços; em 0, está apresentada a aplicação da Geometria de Traços com relação aos testes; na seção 0, estão dispostos dados naturalísticos analisados de acordo com a Geometria de Traços; em 0, está a conclusão do presente artigo; finalmente em 0 estão as referências bibliográficas utilizadas.

1. A GEOMETRIA DE TRAÇOS

A Geometria de Traços (Clements e Hume 1985) é uma proposta de formalização da hierarquia de traços, que analisa a estrutura *interna* dos sons da fala

³ Nos exemplos apresentados neste artigo, os parênteses indicam queda de segmento(s); as transcrições fonéticas seguem o Alfabeto Fonético Internacional (IPA); e as sílabas do contexto segmental sujeito a um processo fonológico estão destacadas em maiúscula.

⁴ Para uma discussão sobre os verbos chamados de proclíticos por Alkmim & Gomes (1982), ver Leal (2006).

abordando o modo como os sons interagem nos sistemas fonológicos. Essa teoria foi utilizada neste trabalho para explicar por que os processos estudados (elisão silábica e haplogogia) ocorrem somente em determinados contextos. Em sua forma mais simples, a Geometria de Traços representa a estrutura de traços (interna ao segmento) na forma de uma árvore, em que cada nó representa uma classe de elementos e apenas os traços terminais representam apenas um elemento da classe. Cada regra fonológica que se aplica em um nó age concomitantemente sobre todos os elementos abaixo dele. Todo nó é monovalente (agindo sempre de forma positiva) e os valores negativos são excluídos: estes ficam sub-especificados⁵ porque são, de alguma forma, previsíveis, deixando de ter uma especificação binária – cf. Chomsky e Halle (1968), em *The Sound Pattern of English*.

Todas as ramificações na representação arbórea se originam a partir do *nó de raiz*, que domina todos os traços. Os *nós de classes* de nível mais baixo designam agrupamentos de traços funcionais. Os elementos são agrupados em constituintes, que podem funcionar em conjunto (como unidades inteiras) nas regras fonológicas.

As classes de traços têm relação com padrões fonológicos (funcionais); no entanto, a hierarquia de traços é similar a uma imagem simplificada do trato vocálico, no qual cada classe representa um articulador funcionalmente independente ou um conjunto de articuladores.

Os valores de traços determinados em camadas e agrupados em constituinte maiores não variam de língua para língua – são, portanto, universalmente definidos.

A representação arbórea completa dos traços de segmentos, de acordo com a Geometria de Traços, é dada a seguir:

⁵ A sub-especificação de traços pode ser entendida como a previsibilidade que um traço tem de conter outro, dependendo do segmento. Por exemplo, se um segmento possui o traço [+nasal], ele terá, necessariamente, o traço [+sonoro], para o português brasileiro.

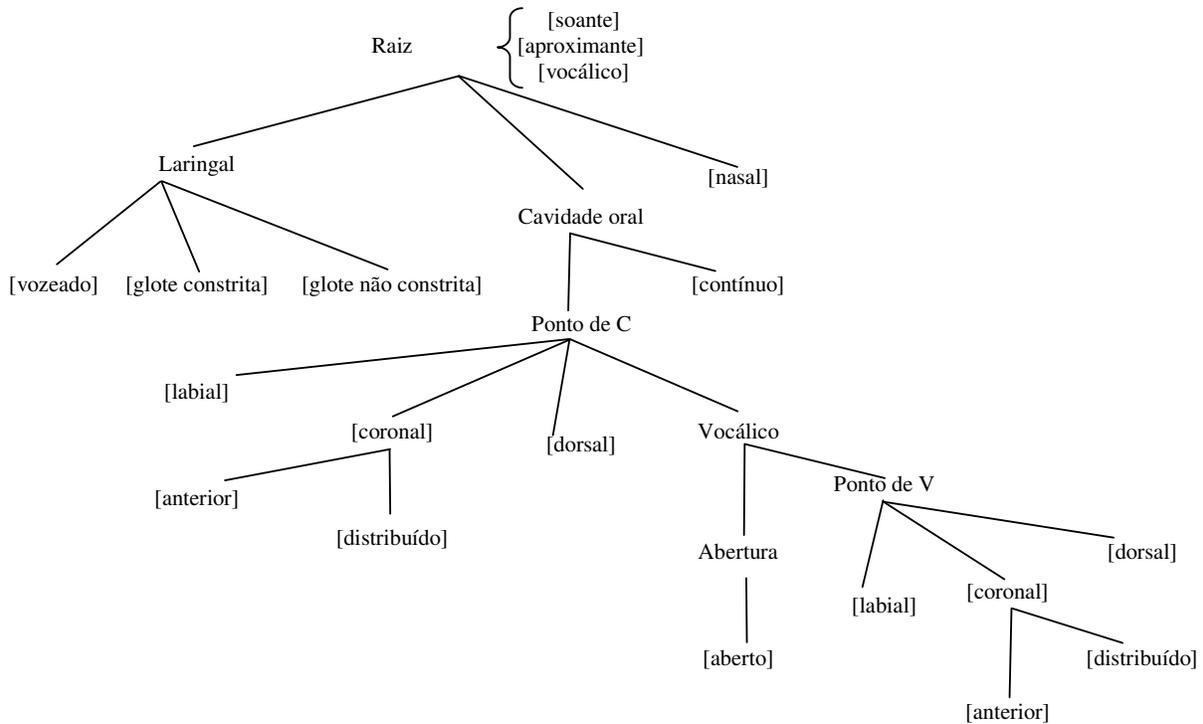


Figura 1: Representação arbórea da Geometria de Traços. (Clements e Hume, 1985)

Na representação da Geometria de Traços, o nó de raiz domina todos os traços. Os nós Laringal, Cavidade Oral e Ponto de Articulação (*Place node*) são nós de classe intermediária; aqueles que estão entre colchetes na Figura 1 são os traços propriamente ditos, que constituem os nós terminais da árvore. Cada nó (inclusive os traços) está disposto em uma linha separada, que representa uma camada auto-segmental independente. Traços em camadas diferentes não estão ordenados com relação a si mesmos: por exemplo, [labial] não precede e nem segue [dorsal].

Assim, o segmento passa a ser definido por sua geometria, formado por nós e traços terminais que o caracterizam.

2. APLICAÇÃO DA GEOMETRIA DE TRAÇOS: OS TESTES DE (A)GRAMATICALIDADE

Foram feitos dois testes com sintagmas nominais (substantivos seguidos de adjetivos) elaborados de acordo com o ponto de C (coronais, dorsais e labiais, incluindo-se laringais), da seguinte maneira: com combinações entre as consoantes que possuem o traço [+contínuo] e com combinações em que os fonemas têm o traço [-

contínuo]. Ambos os julgamentos de (a) gramaticalidade foram feitos de acordo com a intuição da pesquisadora e da informante FC, ambas de Capivari.

Há três possibilidades para os processos de casos que apresentam a elisão silábica e a haplologia:⁶ ocorrência (há a queda de sílaba na realização); não ocorrência (a sílaba não é elidida, mas poderia ser, estabelecendo a opcionalidade das regras); e bloqueio (nunca há queda de sílaba: os informantes consideram que a aplicação do processo causaria a agramaticalidade da sentença).

Os testes foram feitos porque é impossível obter bloqueios de queda de sílaba em dados naturalísticos. Foram, portanto, necessários para se obterem os contextos segmentais em que o processo pode ocorrer e contextos em que nunca há queda de sílaba.⁷

2.1 ELISÃO SILÁBICA

Os dados estão apresentados nesta subseção conforme as combinações possíveis de elisão silábica. São apresentados alguns casos de ocorrência e de bloqueio. O que se pretende verificar, então, é se as oposições ocorrência/bloqueio são aleatórias ou se são explicadas por aplicação de uma regra.

Seguem abaixo algumas das combinações [labial]+[labial] possíveis de elisão silábica:

3. /b+v/ *goia(BA) VERmelha > goia^{[b}ve.ɹ]melha
4. /p+m/ videocli(PE) MOderno
5. /m+p/ ?mada(ME) PERfumada > mad[ãpe.ɹ]fumada⁸

No exemplo 3, o contexto segmental é formado por duas consoantes que diferem no traço [contínuo], uma vez que /b+v/ é uma seqüência [-contínuo]+[+contínuo]. Os segmentos /p/, /b/ e /m/ têm o mesmo ponto de C [labial] e são segmentos [-contínuo]

⁶ Esta classificação seguiu a literatura da área, que admite a opcionalidade da regra. É possível que, controlando outras variáveis (taxa de elocução, por exemplo), cheguemos a uma classificação que não admite opcionalidade da regra, apenas a aplicação ou bloqueio. O levantamento de outras variáveis ficará para um estudo futuro.

⁷ Ao longo deste artigo, foram exemplificados alguns dos dados experimentais/naturalísticos do *corpus*. Para o tratamento completo do *corpus*, ver Leal 2006.

⁸ Numa análise de outiva, o exemplo 5 é percebido como gramatical, mas seriam necessárias ferramentas acústicas para afirmar se há realmente elisão de /p/ e /b/.

na cavidade oral. Se a nasal estiver na segunda sílaba, como em 4, há queda total da sílaba. Porém, em 5, há queda parcial da sílaba, já que o traço [nasal] permanece na vogal anterior (para a discussão sobre as nasais e a queda de sílaba, ver subseção 0).

Então, para que haja elisão silábica, é necessária a igualdade de valores para o traço [contínuo] das duas consoantes: no exemplo 3, ambas as consoantes têm o mesmo ponto de C e há bloqueio do processo fonológico.

No exemplo a seguir, o traço [contínuo] é o mesmo (o contexto consonantal é [+contínuo] + [+contínuo]), variando o ponto de C [coronal]+[labial]:

6. /s+v/ *cabe(ÇA) VAzia > cabe^[z]va]zia

A elisão silábica nunca se realiza com o contexto consonantal [coronal]+[labial], como exemplificado em 6.

As combinações abaixo são exemplos de [coronal] seguida de [coronal], sem variação de [contínuo] na cavidade oral:

7. /t+n/ consoan(TE) NAsalizada

8. /n+t/ ?meni(NO) TRAvesso > men[^[t]ɾa]vesso

Como se nota nos exemplos acima, pode haver elisão silábica envolvendo nasais somente se a primeira sílaba tiver o traço [-nasal]. Porém, se a nasal estiver na primeira sílaba, parece ficar o traço de nasalidade (ver exemplo 8). É o mesmo caso que /m/ na primeira sílaba seguido de outro segmento labial, como foi visto no exemplo 5 (ver subseção 0).

A seguir, está um exemplo de duas coronais [+contínuo] no contexto segmental:

9. /s+z/ cabe(ÇA) GIgante

10. /z+z/ bele(ZA) GIgantesca

Em 9 e 10 acima, as coronais do contexto segmental sujeito à elisão silábica são [+contínuo] e a queda de sílaba é gramatical.

O exemplo abaixo é formado por consoantes [dorsal]+[laringal] com variação no traço [contínuo]:

11./k+r/ *mole(QUE) RIsonho > mole^[khi]sonho

Como se pode observar em 11, o contexto [dorsal]+[laringal] bloqueia a elisão silábica; além disso, há uma diferença no valor para o traço [contínuo] entre as duas consoantes.

Ainda com relação às laringais, essa consoante seguida de uma [labial] bloqueia a elisão silábica (ainda que ambas as consoantes do contexto segmental possuam o mesmo valor [+contínuo]), como exemplificado a seguir:

12./r+f/ *guita(RRA) FILtrada > guita^[hafi]w]trada

O exemplo 12 apresenta contexto [laringal]+[labial]: apesar de a sequência ser [+contínuo]+[+contínuo], há bloqueio de elisão silábica.

A seguir, o contexto segmental [laringal]+[coronal] possui uma combinação de consoantes [+contínuo] e [-contínuo], acarretando bloqueio de elisão silábica:

13./r+t/ *guita(RRA) TOcada > guita^[hato]cada

Combinações de consoantes [laringal]+[coronal] bloqueiam a elisão silábica, mesmo que o valor para [contínuo] seja o mesmo. Observem-se os exemplos abaixo:

14./r+l/ *guita(RRA) LAranja > guita^[hla]ranja

15./r+f/ *guita(RRA) FANTástica > guita^[hfa]tástica

Nos exemplos 14 e 15, não há variação do traço [contínuo] para as laringais seguidas de coronais: todas as consoantes são [+contínuo], mas a diferença no ponto de C bloqueia a elisão silábica.

No sintagma a seguir, a combinação [laringal]+[dorsal] difere quanto no traço [contínuo]:

16./r+k/ *guita(RRA) QUEbrada > guita^[hke]brada

Em 16, a consoante [larinal] é [+contínuo] e a [dorsal] é [-contínuo]: há bloqueio de elisão silábica.

2.2 HAPLOLOGIA

Para ocorrência de haplologia nos testes, foram verificadas quais combinações de consoantes bloqueiam o processo. Respeitando a proposta de Alkmim e Gomes (1982), os contextos consonantais variam apenas em relação à sonoridade, sendo que todos os outros traços são iguais.

Observem-se os exemplos a seguir de contextos consonantais com o traço [labial]:

- 17./p+p/ este(PE) PEsado
- 18./f+v/ Gar(FO) VAlioso
- 19./m+m/ alar(ME) MOderno

De acordo com os exemplos acima, há ocorrência de haplologia se o contexto segmental possuir duas consoantes [-sonoro] (ver exemplo 17) ou se ambas tiverem um contexto consonantal [+sonoro] (cf. exemplo 19). É possível haver haplologia também se as consoantes tiverem os traços com diferença de [sonoridade] (ver exemplo 18).

Abaixo, estão apresentados exemplos de sintagmas com consoantes [coronal]+[coronal] sujeitas à haplologia:

- 20./d+t/ bala(DA) TRAdicional
- 21./s+s/ cabe(ÇA) SAUdável
- 22./r+r/ ?primei(RO) REmake
- 23./j+j/ ?ara(NHA) NHOnha

De acordo com os exemplos do testes, há ocorrência de haplologia entre coronais, mesmo que, nas combinações de consoantes, haja uma diferença do traço [sonoridade], como exemplificado em 20 (cf. Alkmim e Gomes 1982). Porém, a gramaticalidade do contexto /r+r/ traz alguma dúvida, já que não há uma palavra que

inicie com um *flap* /r/ na língua portuguesa.⁹ Da mesma forma, para a combinação /ɲ+ɲ/, há uma certa dificuldade no julgamento de gramaticalidade, já que parece ficar um [j] epentético, uma vez que, como no caso de [ɽ], não há palavras iniciadas por /ɲ/ no português.

A seguir, há exemplos de haplologia com combinações de consoantes que possuem o traço [dorsal]+[dorsal]:

24./k+g/ mole(QUE) GUItarrista

25./g+k/ ami(GA) QUERida

Há ocorrência de haplologia em todas as combinações de consoantes [dorsal] (/k+k/, /k+g/, /g+k/ e /g+g/), como se pode observar nos exemplos 24 e 25, em que há variação de sonoridade.

Para a combinação [laringal]+[laringal], há apenas uma possibilidade em que pode haver haplologia, como no sintagma a seguir:

26./r+r/ guita(RRA) RAjada

A combinação /h+h/ permite a queda de sílaba, como se observa em 26.

De acordo com os exemplos dos testes, em todos os contextos a haplologia é possível, já que esses sintagmas são gramaticais, segundo os julgamentos de gramaticalidade. O fato de a haplologia poder ocorrer com quaisquer consoantes é refutado por Alkmim e Gomes (1982), mas está em concordância com os resultados encontrados por Pavezi (2006). Esta autora afirma que a haplologia é possível com todos os contextos consonantais – não apenas com aqueles descritos por Alkmim e Gomes (1982); de fato, há uma maior produtividade com os segmentos /t/ e /d/.

Pôde-se notar, de acordo com Alkmim e Gomes (1982) e com os exemplos desta subseção 0, que a haplologia não sofre interferência do traço [sonoridade]: não há bloqueio do processo se as consoantes forem iguais ou semelhantes. Porém, diferente do que afirmam Alkmim e Gomes (1982), há ocorrência de haplologia com quaisquer fonemas.

⁹ Por não haver em português uma palavra que inicie com um tepe retroflexo, foi escolhida *remake* do inglês, que pode ser considerado um termo técnico usado em gravações. Conforme dito pelo falante BGN (realizado com /j/ inicial), parece haver haplologia.

2.3 ANÁLISE DOS TESTES

Nesta seção, serão discutidos três traços relevantes para a caracterização da elisão silábica e da haplologia: [sonoridade], [contínuo] e ponto de C.

Primeiramente, a [sonoridade] não influi na aplicação de haplologia (cf. Alkmim e Gomes 1982 para os segmentos /t/ e /d/), como se pôde observar nos exemplos em 24 e em 25, cujas consoantes são [dorsal]: *mole(que) guitarrista* e *amí(ga) querida*. Da mesma forma, o traço [sonoridade] não interfere na aplicação de elisão silábica também para outros segmentos (cf. o exemplo em 9 *cabe(ça) gigante*). Em *cabeça*, a primeira consoante do contexto de elisão silábica /s/ possui o traço [-sonoro], seguida da consoante /ʒ/ [+sonoro], de *gigante*, em que há ocorrência de elisão silábica.

Para a caracterização da haplologia, é necessária a igualdade dos segmentos para o traço [contínuo], ou seja, o contexto consonantal deve ser [-contínuo]+[-contínuo] (cf. exemplo em 17 *este(PE) PEsado*), ou [+contínuo]+[+contínuo] (cf. exemplo em 18 *gar(fo) valioso*).

A ocorrência de elisão silábica com relação ao traço [contínuo] depende de que ambas as consoantes tenham um valor positivo (cf. exemplo em 10 *bele(za) gigantesca*, em que o contexto consonantal /z+ʒ/ é [+contínuo]+[+contínuo]). Um contexto segmental que possua consoantes [-contínuo]+[-contínuo] não é possível para a elisão silábica, já que há apenas um segmento para consoantes [-contínuo] (com variação de [sonoridade]) para cada ponto C: [labial] (p e b) produzem haplologia; [coronal] (t e d) produzem haplologia; [dorsal] (k e g) produzem haplologia; e [laringal] (o único segmento é [+contínuo]). Dessa forma, não há como criar um contexto para elisão silábica com segmentos [-contínuo], uma vez que não há mais de um segmento [-contínuo] para cada ponto C, já que um contexto com tais consoantes variando apenas quanto à [sonoridade] pode criar um contexto de haplologia.

Para a elisão silábica, é necessário analisar as nasais, que são segmentos [-contínuo] na cavidade oral. De acordo com os exemplos apresentados, a elisão silábica ocorre somente se o segmento nasal estiver na segunda sílaba (cf. os exemplos apresentados em 4 e 7: *videocli(PE) Moderno* e *consoan(TE) Nasalizada*, respectivamente. Se a nasal estiver na primeira sílaba, há incerteza quanto a gramaticalidade do processo (cf. exemplos 5 e 8, **mada(ME) PERfumada* >

mad[ẽpe.]fumada e **meni(NO) TRAvesso* > *men[ĩtã]vesso*, respectivamente). Casos como estes serão discutidos na subseção 0.

Unindo-se as análises dos traços [contínuo] e do ponto de C das consoantes, de acordo com a Geometria de Traços, a generalização de que a queda de sílaba deve ter o mesmo ponto C acarreta o mesmo valor para o traço [contínuo]. Então, não há haplogogia com segmentos variando o traço [contínuo]. Para contextos [-contínuo][+contínuo] (que resultariam contextos para elisão silábica), não há ocorrência de queda de sílaba, como no sintagma **mole(que) risonho* > *mole[^khi]sonho*, apresentado em 11, por exemplo. Da mesma forma, para contextos segmentais formados por consoantes, [+contínuo][-contínuo] bloqueiam a elisão silábica, como no exemplo 16 (**guita(rra) quebrada*). Assim, a variação no traço [contínuo] e/ou no ponto de C acarreta bloqueio de elisão silábica.

Portanto, para ocorrência de haplogogia, deve haver igualdade do ponto C e dos traços [contínuo] para as consoantes do contexto segmental, ou seja, [+contínuo][+contínuo] ou [-contínuo][-contínuo]. A sonoridade não importa para a aplicação do processo. Para ocorrência de elisão silábica, é necessária a igualdade do ponto C e dos traços [+contínuo] para as consoantes do contexto segmental, ou seja, devem ser [+contínuo][+contínuo]. A sonoridade também não influi para a aplicação do processo.

3. Aplicação da Geometria de Traços nas entrevistas

Além dos testes de percepção, foram gravadas duas entrevistas de fala semi-espontânea, de duas seções de trinta minutos cada uma, com dois informantes de 28 anos, ambos de Capivari.¹⁰ Com base no experimento, foi levantada uma hipótese de contexto/regra de aplicação, a qual serviu para a previsão de queda de sílaba nas entrevistas. Como foi visto na análise dos testes em 0, a ocorrência/bloqueio de queda de sílaba depende do ponto de C da consoante e também do valor para o traço [contínuo].

¹⁰ É importante salientar que os informantes BGN e ALES tinham ciência de que estavam sendo gravados, o que diminui a espontaneidade de fala nas entrevistas (por isso chamamos as entrevistas de fala *semi-espontânea*).

Com base na análise dos testes, foram identificados os contextos em que poderiam ocorrer elisão silábica e haplologia no *corpus* naturalístico: todos os casos de haplologia/elisão silábica devem ocorrer nos contextos indicados, mas podem não ocorrer (nesses mesmos contextos) porque esses processos são opcionais. Para esses casos em que a análise dos testes previa a realização, mas esta não ocorreu, houve o julgamento da pesquisadora e da informante FC para verificar se seria possível ocorrer a queda de sílaba.

No *corpus*, houve três combinações de segmentos sujeitos ao processo, de acordo com o ponto de C: [labial]+[labial], [coronal]+[coronal] e [coronal]+[labial].

Com relação a contextos segmentais [coronal]+[coronal] sujeitos à elisão silábica no *corpus*, está apresentado a seguir um exemplo com a consoante /d/ na primeira sílaba seguido de uma nasal coronal:

27....fiquei moran(DO) NA rua.

De acordo com o exemplo 27 e com os testes (cf. seção 0), pode haver elisão silábica com contextos segmentais /d+n/já que ambas as consoantes são coronais e possuem o traço [-contínuo] na cavidade oral.

Para consoantes [labial] + [labial], houve uma ocorrência de haplologia, conforme o exemplo a seguir:

28.fica(VA) VIAjando nos olhos dela...

As consoantes do contexto no exemplo acima têm os traços [+contínuo], com ocorrência de haplologia, e esse dado em 28 corrobora a análise dos testes, uma vez que pode haver haplologia com um contexto segmental /v+v/.

Para o contexto segmental [coronal]+[coronal], serão apresentadas a seguir algumas das ocorrências de haplologia com o contexto segmental formado por consoantes /t/ ou /d/, como no exemplo a seguir:

29.o res(TO), TUdo morreu, entendeu?

Outro exemplo com contexto consonantal formado pelos segmentos /t/ ou /d/ está apresentado a seguir:

30.que tinha den(TRO) DA delegacia aí, um cara...

Houve haplologia com o contexto /t+d/ no *corpus* (cf. 30). É interessante notar que o ataque ramificado não impede a ocorrência de haplologia, como no exemplo em 30, diferente do que afirmam Alkmim e Gomes (1982) – para quem a sílaba elidida deve ser CV. Por outro lado, Battisti (2004) apresenta o exemplo *den(tro) do consultório*, com queda de uma sílaba com *onset* ramificado (a autora não faz, no entanto, uma análise segmental da haplologia).

Outro contexto segmental formado por coronais /d/ e /t/ com variação em [sonoridade] foi produzido pelos informantes:

31....não po(DE) TER vergonha... ser orgulhoso.

Nos dados do *corpus*, houve duas ocorrências de haplologia com o contexto segmental /d+t/, e uma delas foi exemplificada em 31 acima.

No único contexto segmental de haplologia com consoantes coronais diferentes de /t/ e /d/, houve ocorrência do processo:

32.Disfar(CE), SOLte o cara, solte o cara.

Como se pode observar no exemplo acima, pode haver ocorrência de haplologia com o contexto segmental /s+s/, conforme foi visto nos testes apresentados em 0.

Com relação ao segmento [dorsal]+[dorsal], houve, dentre outras, a seguinte ocorrência:

33....três anos e pou(CO), COM a mãe das duas meninas

Os dados encontrados no *corpus* confirmam a hipótese de que as consoantes devem ser semelhantes (podendo variar em [sonoridade]). As seqüências podem ser [+contínuo]+[+contínuo] e [-contínuo]+[-contínuo], ou seja, a haplologia pode ocorrer com quaisquer segmentos iguais ou semelhantes.

Por outro lado, em algumas sentenças, não deveria haver elisão silábica, já que há variação no traço [contínuo] e/ou no ponto de C. Esses casos serão tratados detalhadamente na próxima seção.

3.1 OS CONTRA-EXEMPLOS

De acordo com a análise dos testes, a ocorrência da queda de sílaba depende do ponto de C e do valor para o traço [contínuo] das consoantes envolvidas no processo. Porém, nos dados naturalísticos, houve alguns contra-exemplos, com contextos consonantais que diferem quanto ao traço [contínuo] e/ou que variam quanto ao ponto de C. Os contra-exemplos se dividem em dois tipos: 1) *Contextos de ocorrência com bloqueio*: casos onde seria esperada a aplicação da regra, mas não ocorreu (é necessário verificar se nunca ocorre ou se é opcionalidade; e 2) *Contextos de bloqueio com ocorrência*: casos onde não poderia haver queda de sílaba (segundo a hipótese aqui levantada), mas houve ocorrência nos dados naturalísticos.

Inicialmente, serão discutidos os *contextos de ocorrência com bloqueio*, casos em que a queda da sílaba era esperada mas não ocorreu, aparentemente. Nos testes, a queda foi considerada incerta com relação à gramaticalidade para dados como:

34. /m+p/ *mada(ME) PERFumada > mad[ãpe.ɹ]fumada

35. /n+t/ *meni(NO) TRAVesso > men[ĩtɾa]vesso

Os sintagmas apresentados em 34 e 35 são exemplos que possuem nasais na primeira sílaba seguidas de sílabas com consoantes [-contínuo] (discutidos na seção 2.3). Em /m+p/, /m+b/, /n+d/ e /n+t/, temos as duas consoantes no mesmo ponto de C e com o traço [-contínuo] – em 34 são labiais e em 35 são coronais. O esperado era que ocorresse a queda total da primeira sílaba, mas isto parece não acontecer: nesses casos, a vogal da sílaba precedente do contexto é nasalizada. Há então, duas possibilidades de análise: uma é a de que houve apenas o apagamento da vogal da primeira sílaba e a consoante permanece, como representado nas transcrições (b) dos exemplos a seguir:

36. *mada(ME) PERFumada > a) mad[ãpe.ɹ]fumada b) mad[ã^mpe.ɹ]fumada

37.*meni(NO) TRAvesso > a) men[ĩtʁa]vesso b) men[ĩⁿtʁa]vesso

As transcrições fonéticas em (a) acima representam produções em que a nasalidade da sílaba elidida permanece na vogal da sílaba anterior; nas transcrições em (b), além de permanecer o traço [nasal], fica também a consoante nasal, ocasionando elisão vocálica e não queda de sílaba – bloqueio de elisão silábica, portanto.

Outra possibilidade de análise é que haja uma ordenação dos processos de nasalização e de queda de sílaba. No português, a regra de assimilação de nasalidade é regressiva, como na palavra *cano*: o traço [+nasal] da consoante /n/ é assimilado pela vogal /a/ [-nasal], produzindo-se [kẽnu]. Da mesma forma, *madame* e *menino* são palavras em que há regra de assimilação de nasalidade dentro da palavra. Pode-se hipotetizar, então, que o resquício que parece ficar da sílaba elidida é, na verdade, resultado de um processo fonológico (assimilação) que ocorre antes da queda de sílaba, como ilustrado em 38:

38. Perfume bacana /per^hfume bacana/ > /per^hfũbakãna/ > [pe.ɫ^hfũbakãne]

Portanto, primeiramente há a assimilação de nasalidade da consoante para a vogal anterior, e esta nasalização é que permanece depois da queda de sílaba, e não toda a consoante. Se esta análise estiver correta, a nasal na primeira sílaba não é um contra-exemplo para a hipótese proposta.

Com relação aos *contextos de bloqueio com ocorrência*, houve casos no *corpus* de ocorrência de elisão silábica que não poderiam ocorrer (segundo a hipótese levantada), mas os informantes aceitam a queda da sílaba como gramatical. Alguns dos casos de possíveis contra-exemplos são: ...*po(DE) Ficar.*, *Rouba(VA) BOjão de gás...*, ...*da ca(SA) DOS outros.*, ...*eu escolhi Isabela por ca(USA) DA cabeça.* e *Daí, eu, por ca(USA) DA menina...*

Alkmim e Gomes (1982) afirmam que o papel funcional da palavra (informação dada ou tópico, por exemplo) é de grande relevância para a queda de sílaba. Nos dados naturalísticos analisados, percebe-se um outro fator: todos os casos de contra-exemplos envolvem as palavras *pode*, *roubava*, *casa* e *causa*.¹¹ Todas (talvez, exceto *roubava*)

¹¹ Assim como nos exemplos até aqui apresentados, não estão nesta seção 0 todos os contra-exemplos que apareceram nas entrevistas. Para uma análise de todos eles, ver Leal (2006).

são palavras de uso freqüente na fala (*high frequency words*, segundo a análise para truncamento de Carter e Clopper, 2002). É preciso, no entanto, uma análise que quantifique os dados.

Observem-se as ocorrências de elisão silábica retiradas do *corpus* nas sentenças a seguir:

39....po(DE) Ficar.

Em 39 a palavra *pode* aparece seguida de uma consoante que possui o traço [labial]. Mesmo possuindo a diferença no ponto de C e no valor para [contínuo], há elisão silábica nesse exemplo. Já que essa produção vai de encontro às restrições de queda de sílaba apresentadas neste artigo, é necessário verificar se essa elisão silábica não é uma propriedade exclusiva da palavra *pode*. Neste caso, ela poderá ser reduzida com qualquer contexto, de acordo com os julgamentos de percepção. Observem-se os exemplos a seguir:

40.po(DE) VIR

41.po(DE) PÔR

42.po(DE) MUIto bem

43.po(DE) TER

44.po(DE) SAir

45.po(DE) GAStar

46.po(DE) Amar

Conforme os exemplos acima, *poder* é um tipo de palavra em que há freqüentemente ocorrência de elisão silábica (conforme afirmam Alkmim e Gomes 1982), independentemente do contexto em que a palavra está inserida: nos exemplos acima, *pode* está seguido de [labial] (ver exemplos 40 a 42), [coronal] (cf. exemplos 43 e 44), [dorsal] (ver 45) e até mesmo de uma vogal /a/ (cf. 46). Em todos esses casos, há ocorrência de elisão silábica, sem importar também o traço [contínuo].

Assim, de acordo com os testes desta subseção (cf. exemplos 40 a 46), a palavra *pode* parece permitir a queda com qualquer combinação. Poder-se-ia argumentar que a hipótese talvez não esteja contemplando todos os dados. Mas vejam-se os exemplos abaixo:

47.a) po(DE) MUIto bem b) peDE MUIto bem c) *pe(DE) MUIto bem

Como se observa em 47, as elisões silábicas parecem ser possíveis com a palavra *pode*. Palavras diferentes (como *pede*) mas com os mesmos fonemas nos contextos aqui estudados não permitem a redução. Este é mais um argumento a favor de que esse verbo (*pode*) tem alguma marcação lexical que permite a redução, já que ambos os informantes do *corpus* naturalísticos realizaram queda de sílaba com esses itens lexicais.¹²

É necessário verificar se, para estes tipos de palavras, o que se tem é truncamento, e não elisão silábica ou haplologia. No truncamento, as palavras são reduzidas independentemente do contexto e podem ser encontradas isoladamente no léxico (cf. Piñeros 2000, Gonçalves e Vazquez 2005). Exemplos de truncamento são *Morumbi* > *Morumba*, *aniversário* > *níver*. Não é este o caso destas palavras, como é possível observar em 48 abaixo:

48.* ele não sabe se po(DE).

A queda de sílaba no exemplo acima é agramatical, e pôde ser verificado que *pode* não é um tipo de palavra sujeita a truncamento.

Outro caso de apagamento indevido (para a hipótese aqui levantada) é o que ocorre na sentença abaixo:

49.Rouba(VA) BOjão de gás...

A sílaba elidida no exemplo acima é o morfema de pretérito imperfeito {-va}. Este é normalmente reduzido em Capivari, conforme os exemplos abaixo:

50.Ele joga(VA) BEM bola.

51.Pega(VA) TUdo rápido porque era ágil.

¹² Interessantemente são palavras com alta frequência. No entanto, a possibilidade de que o apagamento seja possível por serem palavras de alta frequência não foi perseguida neste artigo, mas o será em estudos futuros.

A fala do *corpus* apresentada foi produzida da seguinte maneira: ...É, roubava. Rouba(va) boião de gás da casa dos outros... vendia para uma empresa grande de gás. Veja que a palavra, quando sofre a redução, é informação dada (na sentença imediatamente anterior) e também tópico da sentença em que está inserida. Portanto, esse exemplo corrobora a análise de Alkmin & Gomes de uma possível causa para a queda de sílaba, mesmo quando as consoantes não partilham o mesmo ponto de C e valor do traço [contínuo].

Restam agora a ser explicados os casos encontrados nas entrevistas com as palavras *negócio*, *casa* e *causa*. Começemos por *negócio*:

52.É, negó(CIO) DE casa, entendeu?

Em 52, as duas consoantes são coronais, mas a primeira é [+contínuo] e a segunda é [-contínuo]. De acordo com a hipótese proposta, não deveria ocorrer elisão silábica. Dado que ocorre, deve ser testado se esta palavra tem o mesmo comportamento que *pode*. A seguir, há sintagmas em que foram testadas ocorrências de elisão silábica com *negócio*:

53.negó(CIO) DA China

54.?negó(CIO) TURbinado

55.negó(CIO) LUcrativo

56.*negó(CIO) QUEbrado.

Como é possível observar, a palavra *negócio* é reduzida somente com palavras que comecem com /d/ (coronal, [-contínuo], [+sonoro]) e com /l/ (coronal, [+contínuo], [+sonoro]). Portanto, já se pode concluir que não é o mesmo caso que ocorre com *pode*. Mas interessante, podemos também observar que a combinação com /t/ (coronal, [-contínua], [-sonoro]) (cf. exemplo 54) não é aceita da mesma forma que /d/, e o traço de sonoridade não deveria influenciar no processo.

Finalmente, devemos observar o que acontece com palavras de contextos consonantais foneticamente semelhantes:

57.a) negóCIO DE casa

b) negó(CIO) DE casa

58.a) sacerdóCIO DE sempre

b) *sacerdó(CIO) DE sempre

59.a) sóCIO DE empresa b) *só(CIO) DE empresa

Como é possível observar no paradigma apresentado em 57-59, a elisão silábica somente é possível com a palavra *negócio*.

A seguir, será analisada a palavra *casa* que foi produzida por ALES com elisão silábica na sentença em 60:

60...bojão de gás da ca(SA) DOS outros.

A queda de sílaba não deveria ser possível na sentença acima porque a consoante da primeira sílaba é [+contínuo] e a segunda é [-contínuo]. A seguir, há testes de combinação de contexto com a palavra *casa*, para ver se a elisão silábica é independente do contexto:

61.ca(SA) DEla

62.*ca(SA) TOMbada

63.*ca(SA) VEIha

64.*ca(SA) NA serra

No exemplo de 61 a 64, o contexto segmental é *casa* seguido de /d/ e há elisão silábica. Contextos com a palavra *casa* seguida de outras consoantes (mesmo que coronais) acarretam bloqueio de elisão silábica (cf. 62-64). Assim como em *negócio*, não é possível com a coronal [-contínuo, -sonora], ou seja, com /t/. Portanto, a elisão silábica de *casa* se dá somente se estiver seguida de uma palavra iniciada especificamente com a coronal [-contínuo, +sonora], uma consoante /d/.

Palavras com contexto semelhante à *casa* não permitem a redução, como é possível observar em 65b-67b:

65.a) caSA DEla b) ca(SA) DEla

66.a) meSA DEla b)*me(SA) DEla

67.a) braSA dEla b)*bra(SA) DEla

Como se pode observar nos exemplos acima, palavras com os mesmos contextos de elisão silábica bloqueiam esse processo.

A partir dos casos abordados nesta subseção, pôde ser observado que o caso de nasalidade pode ser analisado como uma ordenação de processos e, assim, não se opõe à hipótese levantada neste artigo. O caso da palavra *pode* mostra que a mesma permite a queda de sílaba independentemente da consoante do contexto seguinte, o que significa que pode ter alguma marcação lexical que permite que sejam reduzidas (talvez a alta frequência dessas palavras, como propõem Carter e Clopper). A redução do morfema {-va} é freqüente em Capivari, além de a palavra estar em posição de tópico e ser informação dada, o que favorece a redução, segundo Alkmin e Gomes. Finalmente, restou a palavra *casa*, que varia quanto ao contexto seguinte (permite apenas a coronal [+contínuo, +sonoro]). Mas todas as palavras testadas semelhantes (*mesa* e *brasa*) bloqueiam a redução. Tal fato mostra que, embora não tenhamos conseguido dar uma explicação do porquê ocorre a queda de sílaba com a palavra *casa*, ela parece ter alguma propriedade idiossincrática para a aplicação da elisão silábica.

3.2 Análise fonética

Esta seção apresenta uma análise acústica para discutir se a elisão silábica e a haplogia envolvem processos de apagamento da sílaba inteira ou de apenas um segmento (de acordo com Alkmim e Gomes 1982), considerando-se então um processo fonológico diferente (elisão vocálica).

Foi feito um teste com seis sentenças (apresentadas a seguir), em que o falante BGN foi instruído a ler cada sentença em voz baixa e, em seguida, a repeti-las com a maior naturalidade possível.¹³ Nas figuras apresentadas, além dos espectrogramas, há também ondas sonoras apresentadas logo acima deles, as quais são importantes para caracterizar cada consoante a ser analisada. Abaixo dos espectrogramas, há cada um dos segmentos recortados e transcritos, de acordo com o IPA.

Como foi visto em 2.3, para que haja queda total da sílaba, sem que permaneça traços da consoante elidida, é necessário que as consoantes do contexto segmental tenham o mesmo ponto de C e também o mesmo valor para o traço [contínuo].

¹³ Foi necessário fazer um teste com outras produções das sentenças, já que os dados do *corpus* naturalístico possuíam ruídos. Optou-se, nos dados naturalísticos, por deixar o falante o mais confortável possível, a fim de que as produções fossem mais espontâneas. Por isso não foi utilizada uma cabine acústica para as entrevistas, e não foi possível analisá-las acusticamente.

Há duas maneiras de se testar se o processo é a queda de sílaba ou se é elisão: se as consoantes forem iguais (com mesmo ponto de C e traço [contínuo] e [sonoridade]), o resultado – caso fosse elisão – seria a queda da vogal com alongamento da consoante. Outra maneira seria fazer um teste com consoantes com o mesmo ponto de C e mesmo valor para [contínuo], mas com [sonoridade] diferente, o que poderia ser visto no espectrograma, na barra de sonoridade. É este o teste aqui realizado.

Para Alkmim e Gomes (1982), a haplologia é caracterizada pela queda total de sílabas cujas consoantes sejam /t/ e /d/. Dessa forma, no primeiro espectrograma apresentado, o contexto segmental de haplologia é um caso clássico na literatura, em que as consoantes são /t+d/:

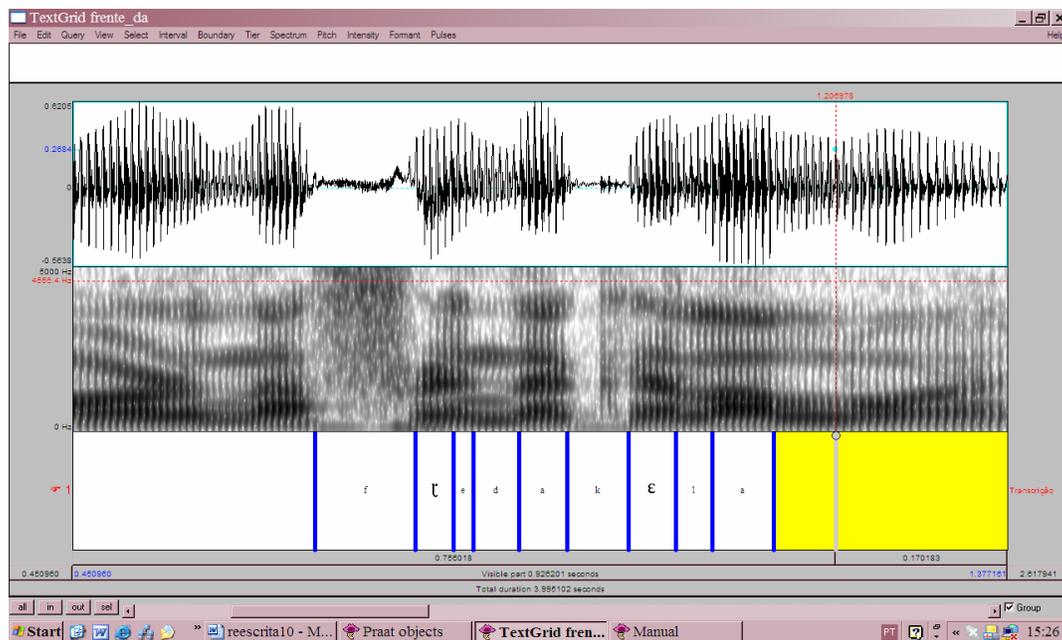


Figura 2: Espectrograma de Moro na frente DAquela loja > [fɾɛda]quela.

Como se pode observar no espectrograma acima, a barra de sonoridade nos segmentos representados por [e] e [d] estão presentes, e não há indício de que haja uma descontinuidade na barra, o que aconteceria se houvesse um /t/ entre esses dois segmentos.

Para analisar um contexto com consoantes [+contínuo], foi feito um teste com [z] seguido de [s], ou seja, dois segmentos com mesmo ponto de C, mas com [sonoridade] diferente, na sentença *Conheci uma francesa simpática*:

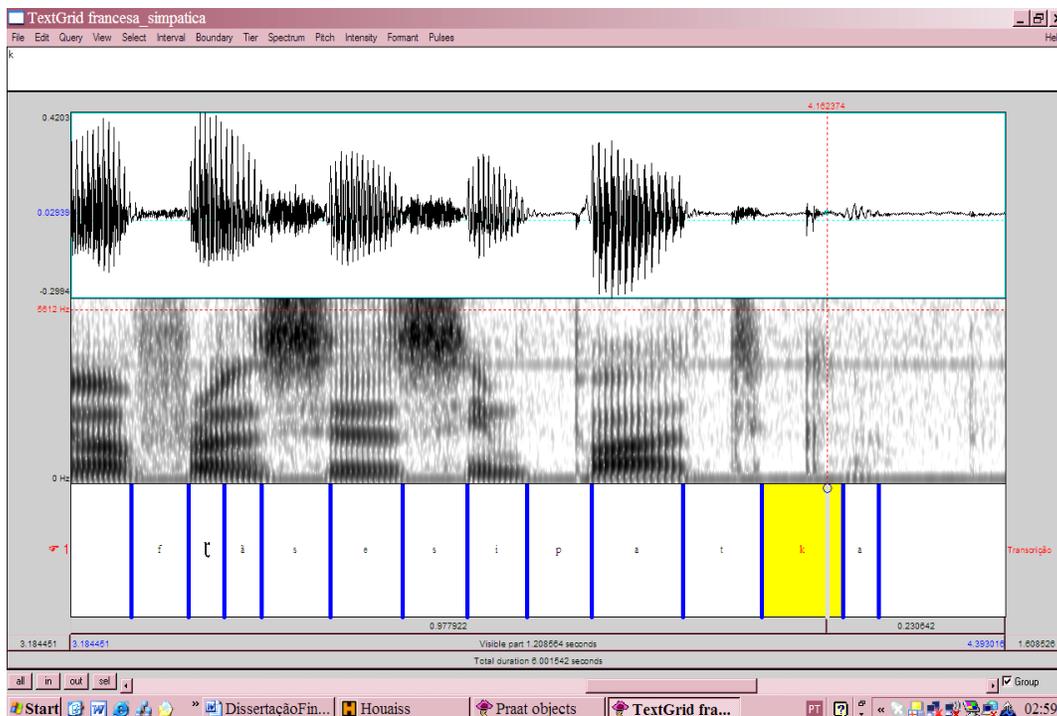


Figura 3: Espectrograma de Conheci uma francesa SIMpática > france[sĩpa]tica.

Uma vez que [z] e [s] têm o traço [sonoridade] diferente, pôde ser comprovado que [z] não permanece, mas sim o [s], como no espectrograma acima, em que não há barra de sonoridade. É possível observar que a vogal [e] de *francesa* aparece seguida da consoante [s] de *simpática* (sem barra de sonoridade). Não há resquícios, como se pode notar, da consoante /z/ na produção da fala.

A figura a seguir é o espectrograma da sentença *Essa menina tem uma cabeça gigante*. No caso específico das coronais, são sub-divididas em [anterior] e [distribuído]. A questão é se a variação nestes dois traços pode influenciar a aplicação do processo. Na sentença a seguir, as duas consoantes do contexto segmental são coronais [+contínuo], mas possuem o traço [anterior] que as distinguem (o contexto [s+z] tem uma consoante [+anterior] seguida de outra [-anterior]):

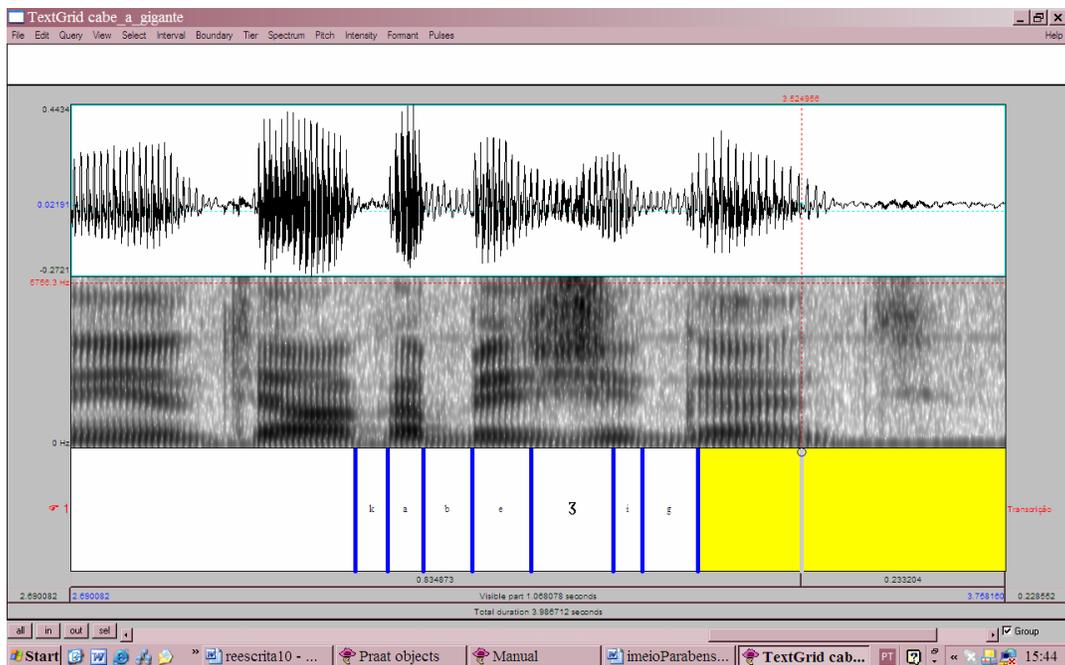


Figura 4: Espectrograma de Essa menina tem uma cabeÇA GIgante > cabe[ʒi]gante.

Conforme o espectrograma acima, no contexto consonantal [coronal]+[coronal], com a diferença no traço [anterior] das consoantes, há queda de sílaba, produzindo elisão silábica (não há resquícios de [s] porque a frequência desse segmento (por volta de 3.500 Hz) é mais alta do que a frequência de [ʒ], como indica a parte escura que começa por volta de 1800 Hz). Em outras palavras, não há uma variação na frequência que indique a mudança de um segmento para o outro. Além disso, a barra de sonoridade está presente no segmento [ʒ] – não haveria barra de sonoridade se a consoante fosse [s].

Mas também cumpre observar o que ocorre quando há diferença no ponto de C, numa sentença como *Tenho um envelope guardado*. No espectrograma da sentença abaixo, há diferença de ponto de C entre as consoantes do contexto segmental e ambas são [-contínuo]:

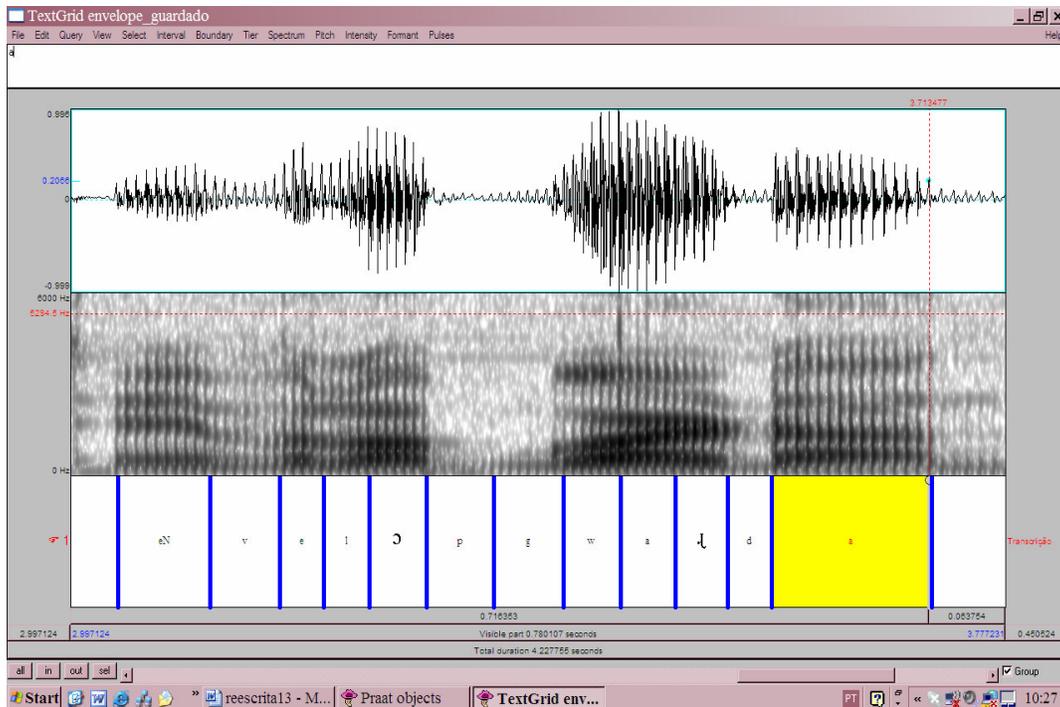


Figura 5: Espectrograma de Tenho um enveloPE GUARdado > envelo[pgwa]}ddado.

No espectrograma acima, verifica-se que não há produção da vogal [e], mas o segmento [p] permanece: é possível ver a diferença na barra de sonoridade dos segmentos [p] e [g] (neste último, a barra de sonoridade aparece, indicando o traço [+sonoro] do segmento).

A análise da sentença *Comprei uma calça de brim*, cujo contexto segmental é formado por duas consoantes com o mesmo ponto de C, mas que variam no valor para o traço [contínuo] é dada a seguir:

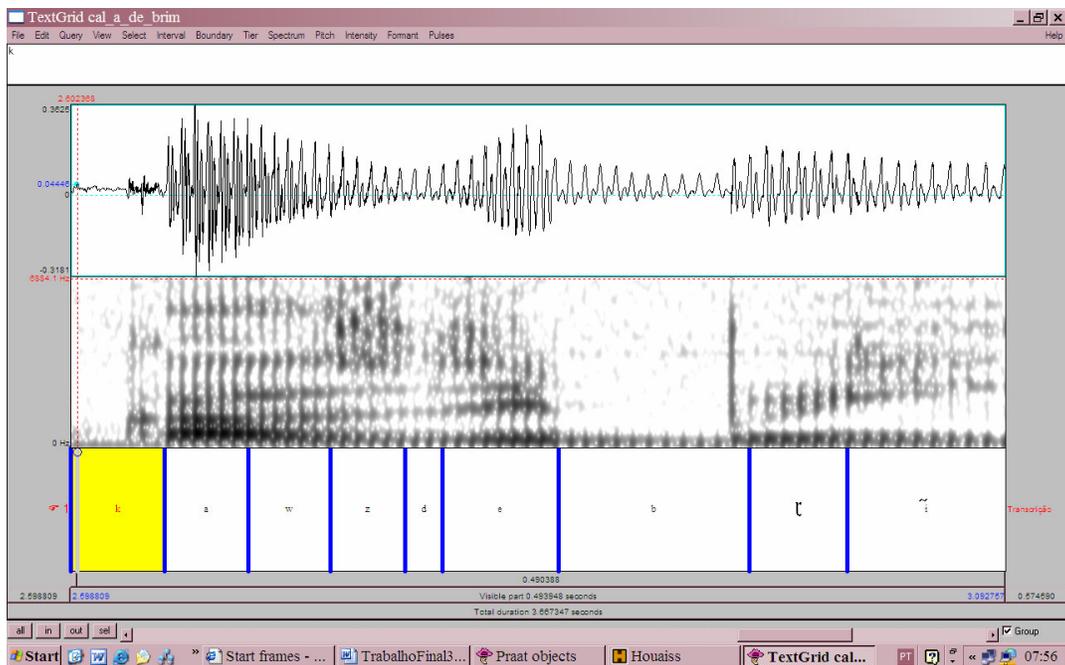


Figura 6: Espectrograma de Comprei uma calça de brim > cal[z(ɐ)di]brim.

De acordo com o espectrograma em 6, o segmento permanece, mas produzido com sonoridade; em outras palavras, /s/ > [z]: [kawsɐd^əbɾĩm] > [kawz(ɐ)dibɾĩm].

Portanto, não há queda de sílaba em *calça de brim*, mas sim elisão vocálica: o contexto consonantal /s+d/ possui o mesmo ponto de C [coronal], mas o segmento /s/ é [+contínuo] e [d] é [-contínuo], bloqueando a queda de sílaba.

Cumpram ainda analisar um contexto consonantal em que o esperado (de acordo com a hipótese aqui proposta) é de não ocorrência de elisão silábica, mas há ocorrência do processo fonológico nas entrevistas. Observe-se o espectrograma a seguir:

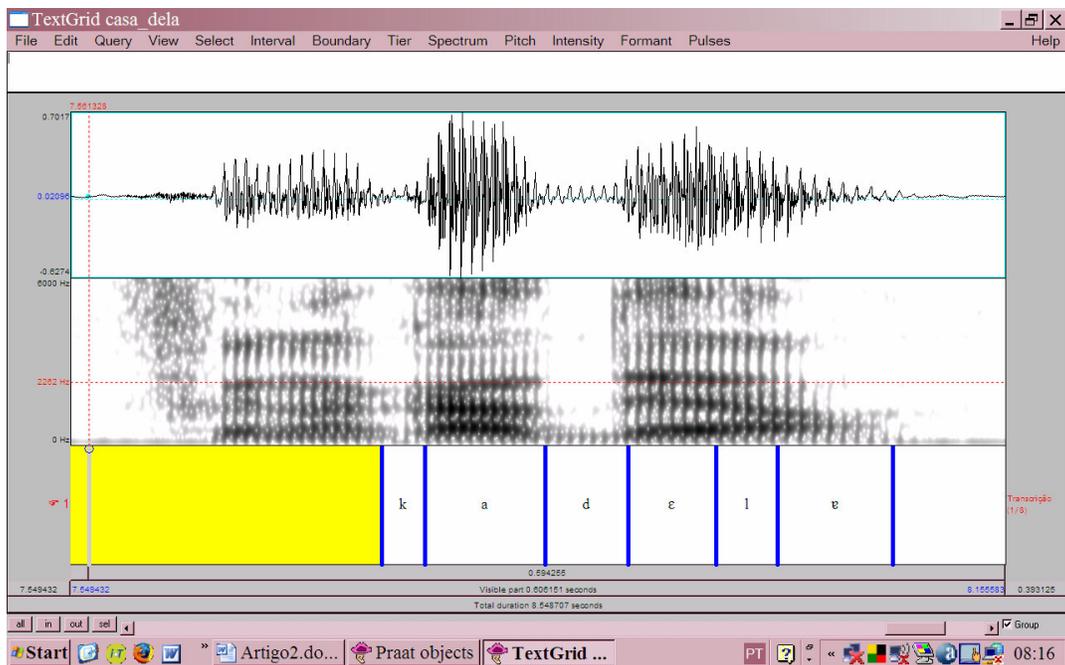


Figura 7: Espectrograma de Fui na caSA DEla > ca[dε]la.

De acordo com o espectrograma na Figura 7, há ocorrência de elisão silábica com duas consoantes coronais, mas que têm uma diferença no traço [contínuo]: a primeira é [+contínuo] e a segunda é [-contínuo]. Como foi visto em 0, este é um caso específico de elisão silábica para a palavra *casa*, que somente pode ser reduzida se estiver seguida de uma palavra iniciada especificamente com a coronal [-contínuo, +sonora], ou seja, uma consoante /d/.

Assim, pudemos mostrar, de acordo com os espectrogramas apresentados nesta seção, que a queda de sílaba (por elisão silábica ou haplologia) se dá se as duas consoantes do contexto segmental tiverem o mesmo ponto de C e o mesmo valor para o traço [contínuo]. Se qualquer uma dessas duas características for distinta, o processo fonológico que ocorre é a elisão vocálica, a menos que seja um dos casos de elisão silábica que depende do item lexical a ser elidido (cf. subseção 0).

CONCLUSÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi verificar quais propriedades consonantais, internas ao segmento (cf. Geometria de Traços), regem a elisão silábica e a haplologia.

No que respeita à elisão silábica, o contexto segmental deve ser formado por consoantes que tenham um mesmo ponto de C e um mesmo valor para o traço [contínuo].

Especificamente para a haplologia, a partir dos dados apresentados, conclui-se que as regras de Alkmim e Gomes (1982) são muito específicas, ao se considerar o português brasileiro em sua totalidade: existem falares no português brasileiro nos quais pode haver queda de sílabas cujas consoantes não precisam ser necessariamente /t/ e /d/. Os segmentos devem ser semelhantes, na medida em que o traço [sonoridade] não influi no bloqueio do processo. Como foi visto para a haplologia, o contexto segmental é mesmo ponto de C e mesmo valor para o traço [contínuo].

De acordo com a análise segmental realizada, nota-se que a elisão silábica e a haplologia são um mesmo processo fonológico que obedece à seguinte regra: *A queda de sílaba se dá se as consoantes envolvidas no processo tiverem o mesmo ponto de C e o mesmo valor para o traço [contínuo].*

Portanto, a conclusão geral deste artigo é que a elisão silábica e a haplologia são segmentalmente o mesmo processo de queda de sílaba, regidos pelas mesmas propriedades (mesmo ponto de C e mesmo valor para [contínuo]).

BIBLIOGRAFIA

1. ALKMIM, T.M.; GOMES, C. Dois fenômenos de supressão de segmentos em limite de palavra. *Ensaio de Lingüística*, n. 7, 1982.
2. BATTISTI, E.: Haplologia sintática e efeitos da economia. *Organon*, v. 18, n. 36, 2004.
3. BISOL, L. O troqueu silábico no sistema fonológico (Um adendo ao artigo de Plínio Barbosa). *D.E.L.T.A.*, Vol. 16, n. 2, 2000.
4. CARTER, A. K.; CLOPPER, C. G. Prosodic effects on word reduction. *Language and Speech*, v. 45, 2002.

5. CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The sound patterns of English*. New York: Harper and Row, 1968.
6. CLEMENTS, G.N.; HUME, E.V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J.A. *The handbook of Phonological theory*. Cambridge, Oxford: Blackwell, 1995.
7. ENGSTRAND, O.; KRULL, D. Segment and syllable reduction: preliminary observations. *Working Papers*, n. 49, 2001.
8. GOLDSMITH, J. Autosegmental Phonology. Ph.D. Dissertation. Cambridge MA: MIT, 1976.
9. _____ : *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Blackwell, 1990.
10. GONÇALVES, C.A.V.; VAZQUEZ, R. P.. Fla X Flu no Maraca: uma análise otimalista do truncamento no português do Brasil. In: <http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno14-08.html>, 2005.
11. LEAL, E.G. Elisão silábica e haplologia: aspectos fonológicos do falar da cidade paulista de Capivari. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2006.
12. MASILON, T.; ROSS, K. Weak Syllable Deletion: an Articulatory Phonological Account. UCLA ms, 1996.
13. PAVEZI, V.C. A haplologia na variedade paulista. Dissertação de mestrado. São José do Rio Preto: IBILCE-Unesp, 2006.
14. PIÑEROS, C.E. Foot-sensitive Word Minimization in Spanish. *Probus*, v. 12, n. 2, 2000.
15. TENANI, L. E. Domínios prosódicos no português do Brasil. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2002.

RESUMO: Este artigo trata da queda de sílaba em limite de palavra no falar da cidade paulista de Capivari, observando-se o contexto consonantal desse processo fonológico, de acordo com a Geometria de Traços (Clements & Hume 1985). Na literatura, a queda de sílaba é tratada como dois tipos distintos de redução fonológica: a elisão silábica (em que há dessemelhança entre as consoantes das sílabas envolvidas); e a haplologia (as consoantes do contexto são iguais ou semelhantes – a diferença entre elas está apenas no traço [sonoridade]). Pela análise de contextos segmentais, foi visto que tanto a elisão silábica quanto a haplologia são processos regidos pelas mesmas propriedades fonológicas: os processos se dão no mesmo ponto de C e também o mesmo valor para o traço [contínuo].

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia; elisão silábica; haplologia; geometria de traços.

ABSTRACT: This paper copes with syllable drop as an external sandhi rule in the speech of Capivari city. The work is related to segmental contexts based on Feature Geometry (Clements

& Hume 1985). In the literature, syllable drop is usually dealt as two different types of reduction: syllable elision (in which the consonants of the segmental context are phonetically different); and haplology (which the consonants in the segmental context are either equal or alike – in this case, the only difference between the segments is on the [sonority] feature). According to the segmental context analysis, it has been found that both syllable elision and haplology are processes governed by the same phonological features: both of them depend on the same C place and on the same value for [continuous] feature.

KEYWORDS: Phonology; syllable elision; haplology; feature geometry.